
OS GRUPOS HUMANOS COMO CONFIGURAÇÕES SOCIAIS: uma contribuição de Norbert Elias para a sociologia da educação

Guiomar de Oliveira Passos
Doutora em Sociologia pela UnB e Professora Adjunta da
Universidade Federal do Piauí/ Mestrado em Políticas Públicas e DSS.

RESUMO

Esse trabalho aborda a contribuição de Norbert Elias para o estudo das relações entre indivíduo e sociedade, uma velha polêmica na pesquisa da sociologia da educação, enfocando as indicações teóricas e metodológicas do que denominou "configurações sociais", especialmente no que se refere aos processos determinados pela interligação e dependência mútua entre pessoas e os processos que se inscrevem nos indivíduos de uma dada formação social.

Palavras-chave: Configurações Sociais - Habitus - Teoria Social

ABSTRACT:

The aim of this work Norbert Elias's contribution for the study the relationships between individual and society, an old controversy in the research of the sociology of the education, focusing the theoretical and methodological indications name "social configurations", especially the process of interlinked mutual dependence among people and the internalized processes the individuals of a given social formation.

Key Words: Social Configurations- Habitus - Social Theory

INTRODUÇÃO

A ordem social se impõe como matriz na estruturação de valores e comportamentos ou é permanentemente reconstruída pela negociação entre os indivíduos envolvidos na ação social? Essa tem sido uma polêmica recorrente nas pesquisas sociais, em especial, naquelas que abordam os processos educacionais¹. Norbert Elias, com seus estudos de entrelaçamento entre as dimensões micro e macro-sociológicas; da sociedade como uma teia de interdependências; do sentido dos atos e processos humanos, oferece importantes contribuições para a superação dessas divergências. Nelas, encontram-se indicações teóricas e metodológicas para a análise da estrutura e funcionamento tanto de pequenos grupos quanto de sociedades nacionais. Essas indicações, especialmente as que se referem ao estudo do que ele denominou "configurações sociais", constituem ferramentas e procedimentos para fundamentar pesquisas as mais diversas. Na pesquisa educacional, são úteis, por exemplo, para o estudo dos entrelaçamentos e interdependências que ocorrem

nas salas de aula, nas escolas, nos processos de ensino aprendizagem e na implementação das políticas educacionais.

Por isso, o interesse que move este trabalho é instrumental. Supõe-se, como faz Neiburg (1999, p. 42), que "é possível obter lições úteis e descobrir novas possibilidades de compreensão, quando aplicamos a alguns universos empíricos os princípios de compreensão que foram utilizados em relação a outros".

Neste trabalho, em primeiro lugar, são tecidas breves considerações sobre a posição de Elias no contexto da tradição sociológica alemã. Em seguida, identificam-se os pressupostos, teóricos e metodológicos, subjacentes em "O Processo Civilizador" (1993), em especial no capítulo, "Sugestões para uma Teoria de Processos Civilizadores", extraíndo daí elementos que possam fundamentar estudos e pesquisas.

A compreensão é de que, nos dois volumes desta obra, o autor formula generalizações que se apresentam fecundas para a análise da constituição de sociedades específicas. No primeiro volume, ao relatar os procedimen-

* Recebido em: novembro de 2004

* Aceito em: maio de 2005

¹ Brandão (2000), em texto apresentado na 23ª Reunião Anual da ANPED, traça um panorama das tradições e escolas que fundamentam essa polêmica.

tos e seus achados sociológicos, estabelece os procedimentos metodológicos; no segundo, são feitas sugestões teóricas, estabelecendo o sentido da investigação, os passos a serem dados bem como a análise dos dados relatados nos demais capítulos.

Trata-se, portanto, de um estudo que oferece um quadro de referência, constituindo-se uma lente de leitura pela qual se pode perceber a realidade em sua totalidade. Para compreendê-lo, sempre que necessário, se recorrerá a outras obras do autor ou de estudiosos desta.

NORBERT ELIAS NA TRADIÇÃO SOCIOLOGICA ALEMÃ

Em 1933, sob a República de Weimar, com 36 anos, Elias redige seu primeiro trabalho, "A sociedade de Corte" (publicado apenas em 1969). Trata-se, segundo Chartier (1990, p. 98), de uma primeira formulação dos conceitos e teses que serão desenvolvidas nos dois tomos de "O Processo Civilizador" em 1939 e reflete o momento próprio em que foram escritas: a ascensão do nacional-socialismo e a fragmentação que marcava a sociologia alemã do período.

A ascensão do nacional-socialismo, como a sociedade de corte de Luís XIV, é um lugar privilegiado para se reconhecer, respectivamente, as propriedades gerais que caracterizam a dominação de qualquer chefe carismático e das sociedades de corte.

Na sociologia alemã do período, eram realizadas pesquisas das obras de cultura, cujo expoente é Scheler; do conhecimento, sob os auspícios de Karl Mannheim; dos fenômenos de classe e de estratificação, de que é exemplo, dentre outros, os trabalhos de Kracauer, Dreyfuss. Em todas elas, Cuin e Gresle (1994, p. 181) observam a marca e, por vezes, a influência de Max Weber.

Elias, iniciando seus trabalhos, é ao lado de Alfred Schutz, na área da sociologia das obras da cultura, um dos pesquisadores mais significativos, ainda que tenha seu trabalho reconhecido só no período seguinte.

Nos primeiros trabalhos - "Sociedade de Corte" e "O Processo Civilizador" - já critica tanto as reduções totalizantes quanto individualistas e acentua, segundo Cuin & Gresle (1994, p. 183),

[...] de maneira muito weberiana, o aspecto dinâmico e instável das configurações históricas que os indivíduos constroem no próprio processo de suas interações, e no interior das quais eles determinam seus comportamentos.

A influência de Max Weber talvez seja a mais evidenciada pelos estudiosos da obra de Elias. Souza (1999, p. 66) destaca o interesse comum, ainda que com perspectiva de análise diferente, pela "leitura do processo de desenvolvimento ocidental partindo da perspectiva do controle dos afetos e dos sentimentos humanos mais primários". Neiburg (1999, p. 40) aponta que em um e outro "as preocupações metateóricas são também empíricas [...]". Chartier (1990, p. 97) diz que, dentre os diversos interlocutores, "o que surge com maior frequência é evidentemente Max Weber".

Contudo, Waizbort (1999, p. 91) "defende a tese de que elementos fundantes e fundamentais da sociologia de Norbert Elias derivam da obra de Georg Simmel". Comprova sua assertiva, mostrando as semelhanças nas concepções do social; no entendimento da relação indivíduo e sociedade; na idéia de processo móvel e contínuo; na idéia de figuração e em muitos outros aspectos que cansariam o leitor se fossem citados.

Estas filiações, somadas à interlocução com estudiosos como Werner Sombart, de quem retoma a idéia da importância política e cultural das cortes de príncipes; Thomstein Veblen, Sigmund Freud e Karl Marx de quem "critica a maneira, segundo ele inteiramente hegeliana, de identificar as descontinuidades históricas em termos de transição do quantitativo para o qualitativo" (CHARTIER, 1990, p. 97) indicam, como diz Neiburg (1999, p. 41) que este se encontra, na construção de sua obra, "com a melhor tradição da ciência social alemã".

Extrapolando o espaço do território ale-

mão, Pontes (1999) ainda estabelece, senão uma interlocução, pelo menos uma aproximação entre Elias e Marcel Maus que não se restringe ao fato de terem publicado suas obras de maior envergadura no mesmo período (1924 e 1933, respectivamente). Trata-se do enfrentamento semelhante de questões “como a definição dos fenômenos sociais e a qualificação da relação indivíduo e sociedade” e do aparecimento da categoria “habitus” na obra de ambos.

Essas aproximações com outras tradições vão ser, de certa forma, o destino inexorável de grande parte da sociologia alemã desde a ascensão de Hitler ao poder (cf LEVINE, 1997; CUIN e GRESLE, 1994). Em Elias, que emigra para a Inglaterra depois de passar na Suíça e na França, elas se expressam em vários aspectos de sua obra: na perspicácia com que traça a ‘biografia’ dos alemães; nas “comparações de padrões alemães de habitus e de desenvolvimento social com os padrões de outros países europeus, em particular da Grã-Bretanha, França e Holanda” (DUNNING e MENNELL, 1997, p. 9).

Tudo isso, apenas revela não só a abrangência e importância de uma obra que fascina leitores das mais diversas disciplinas, mas também e, principalmente, a pertinência desta sociologia calcada por um lado, na preocupação de dar base e fundamentação empírica aos conceitos e hipóteses e, de outro, na análise comparativa, como será demonstrado a seguir.

OS GRUPOS HUMANOS COMO CONFIGURAÇÕES SOCIAIS

Em “O processo civilizador”, Elias (1993, p. 194) formula a seguinte indagação: “como pode acontecer que surjam, no mundo humano, formações sociais que nenhum ser isolado planejou e que, ainda assim, são tudo menos formações de nuvens, sem estabilidade ou estrutura?” Em “Os Alemães” (1997, p. 30), pergunta: “como os destinos de uma nação ao longo dos séculos vêm a ficar sedimentados no habitus de seus membros individuais”?

São questões que se complementam: a primeira, sinalizando para a investigação dos processos de constituição do tecido social; a segunda, como esses processos se inscrevem nos indivíduos. Juntas, parecem resumir a principal preocupação da sociologia, na concepção do autor: “saber de que maneira e por que razões os homens se ligam entre si e formam em conjunto grupos dinâmicos específicos...” (apud CHARTIER, 1990, p. 100).

Desse modo, circunscreve uma variedade de problemas e temas de investigação: o sentido da ação humana; as interligações e interdependências entre os homens; as formações e processos forjados por estes homens interligados e interdependentes, a relação entre o indivíduo e a sociedade.

O principal conceito no vasto material analítico que utiliza é o de figuração ou configuração, formulado nos seguintes termos:

uma formação social cujo tamanho pode ser muito variável (os jogadores de um jogo de cartas, a tertúlia de um café, uma turma de alunos de uma escola, uma aldeia, uma cidade, uma nação) em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel de tensões (CHARTIER, 1990, p. 100).

A compreensão de uma configuração social requer, explica Elias (1993, p. 195), demonstrar os processos sociais que são postos em movimento por determinado tipo de interligação, de dependência mútua entre pessoas e como estes processos se inscrevem nos indivíduos de uma dada formação social. No processo de feudalização, a dinâmica é exposta nos seguintes termos:

[...] a compulsão de situações competitivas levou certo número de senhores feudais ao conflito, que o círculo de competidores foi lentamente reduzido, que tal fato levou ao monopólio de um deles, e finalmente - em combinação com outros mecanismos de integração, como os processos cada vez mais intensos de formação de capital e diferenci-

ação funcional - culminou na formação do Estado² absolutista. Toda esta reorganização dos relacionamentos humanos se fez acompanhar de correspondentes mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade do homem, cujo resultado provisório é nossa forma de conduta e de sentimentos 'civilizados' (ELIAS, 1993, p. 195).

A maneira de convivência entre as pessoas, que está no princípio desta dinâmica, resulta da diferenciação das funções sociais: quanto mais diferenciadas as funções, maior o seu número e o de pessoas a que o indivíduo depende, também mais complexos será o tecido de ações e a necessidade de regulação das condutas que o indivíduo precisa adotar, de forma "diferenciada, uniforme e estável", no desempenho de suas funções sociais.

Ao lado da diferenciação das funções tem-se a reorganização do tecido social em "espaços sociais pacificados". Isso significa, "um conjunto inteiro de meios cuja monopolização permite ao homem, como grupo ou indivíduo, impor sua vontade aos demais" (ELIAS, 1993, p. 198). Esses meios vão modelar a conduta e os impulsos afetivos dos indivíduos na direção do autocontrole, na direção da civilização, quer dizer, do controle cada vez maior da agressividade e das emoções, de uma maneira geral; do refinamento nos hábitos individuais e sociais.

A determinação do rumo desta conduta dependerá da

[...] direção do processo de diferenciação social, pela progressiva divisão de funções e pelo crescimento de cadeias de interdependência nas quais, direta ou indiretamente, cada impulso, cada ação do indivíduo tornavam-se integrados (ELIAS, 1993, p. 196).

A menor ou maior complexidade das cadeias de interdependências, vai definir o

grau de pressão formativa sobre os atos e ações humanas. Numa sociedade mais simples, com pequena diferenciação das funções sociais e curtas as cadeias de ações que ligam os indivíduos entre si, o controle exercido sobre as condutas e sentimentos é menor. Numa sociedade complexa em que entre os indivíduos, em face da diferenciação das funções sociais está mais avançada, se estabelece maior interdependência, maior grau de entrelaçamento de funções, a tendência é um controle cada vez maior das pulsões, sentimentos e atos, em geral.

Os diferentes graus de controle ocorrem não só numa mesma sociedade em diferentes momentos de seu processo histórico como também, num mesmo período, quando se comparam diferentes estratos, grupos, regiões de uma mesma sociedade.

As explicações precedentes permitem extrair o seguinte "princípio de compreensão": o estudo de uma dada configuração social supõe "verificar a extensão das interdependências, o nível da divisão de funções e a estrutura interna das próprias funções" (ELIAS, 1993, p. 207).

Esses processos sociais se inscrevem nos indivíduos. O mecanismo, através do qual uma mudança na estrutura social se faz acompanhar de correspondentes mudanças na mentalidade humana tornando os homens sintonizados com o padrão vigente na sociedade do seu tempo, denomina *habitus*, desde 1939 em "A sociedade de corte"³.

A partir dos elementos apresentados por Chartier (1990, p. 113) em relação ao *habitus* na sociedade de corte, pode-se compreendê-lo como "economia psíquica". Não é apenas uma maneira de pensar, "mas toda a estrutura da personalidade", ou ainda, "uma segunda natureza", característica de um

² Aqui Elias se detém, como Marx Weber em sua definição do Estado, em um único aspecto da formação e estrutura do Estado: instituição que tem o monopólio do exercício da força física. (ELIAS, 1994, p. 17).

³ Relação similar é estabelecida por Ponofsky (1991, p. 15) ao identificar as conexões entre arquitetura gótica e a escolástica. Para ele, trata-se de uma relação de causa e efeito "que resulta de um processo de difusão genérico, e não de influências diretas. Forma-se a partir do que poderíamos denominar, por falta de um termo melhor, um hábito mental - através do qual aqui compreendemos esse surrado lugar-comum em seu sentido exato, escolástico, como 'princípio que rege a ação', *principium importans ordinem ad actum* (Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*). Tais hábitos mentais exercem sua ação em qualquer cultura ...".

dado estágio do desenvolvimento social.

Um processo de remodelação da afetividade que submete o homem [...] a uma rede apertada de autocontroles automáticos que re-freiam todos os impulsos espontâneos, todos os movimentos imediatos. Este habitus [...] produz uma forma de racionalidade inteiramente específica, [...], que deve adequar exatamente cada conduta à relação onde ela se inscreve e adaptar cada comportamento à finalidade que ele deve permitir atingir (CHARTIER 1990, p. 113).

A compreensão do hábitus não pode se dar isoladamente do estudo da formação social em que se inscreve. Pelo contrário, é preciso, que ao lado da investigação sobre as idéias em curso ou em mudança, das formas de cognição existentes, da regulação dos impulsos e sentimentos, levar em conta “as mudanças da interdependência humana em conjunto com a estrutura da conduta e, [...], todo o tecido da personalidade do homem num dado estágio do desenvolvimento social” (ELIAS, 1993, p. 236).

No curso da história humana ou mesmo de cada grupo social distinto, as pessoas são modeladas de acordo com as funções que desempenham, com sua posição na rede de interdependências, com o número de pessoas com as quais precisa sincronizar suas ações. Exemplificando, a racionalização que hoje se observa no ocidente é resultado da diferenciação das funções que acompanhou a crescente e inovadora forma de interdependência entre os indivíduos e a complexidade do tecido social.

O habitus, não diz respeito apenas ao indivíduo, mas também a uma formação social específica, “o habitus nacional de um povo”. Nesse caso, trata-se de dar à noção de ‘caráter nacional’ a dinamicidade que esta não possuía, vinculando-a ao “processo de formação do Estado a que foi submetido” um povo e ao desenvolvimento de uma dada configuração social ao longo do tempo.

Para compreender o desenvolvimento de um habitus nacional deve-se investigar que

peculiaridades, do processo de formação daquele Estado⁴, são significativas. Segundo o autor (ELIAS, 1997, p. 29),

os destinos de uma nação cristalizam-se em instituições que têm a responsabilidade de assegurar que as pessoas mais diferentes de uma sociedade adquiram as mesmas características, possuam o mesmo habitus nacional. A língua comum é um exemplo imediato. Mas há muitos outros.

O duelo, exemplifica, é uma destas instituições, na sociedade alemã.

As peculiaridades do processo de formação do Estado alemão, que deixaram marcas profundas no habitus nacional, são quatro (ELIAS, 1997, p. 16-29):

- Primeiro: “a localização e as mudanças estruturais no povo que falou línguas germânicas e mais tarde alemão, em relação às sociedades vizinhas que falam outras línguas”;
- Segundo: a posição inferior, subalterna, derrotada daquele povo, em consequência das lutas de eliminação travadas ao longo de sua história;
- Terceiro: o processo de desenvolvimento do Estado alemão marcado por “rupturas e correspondentes descontinuidades”;
- Quarto: o modo como os modelos militares foram adotados pelas classes médias.

O habitus nacional e o habitus ‘individual’ encontram-se interligados: o primeiro, representa os possíveis colocados à disposição do indivíduo por uma dada configuração social num dado momento histórico; o segundo, o possível que se inscreveu no indivíduo conforme sua função e posição no tecido social.

O estudo da sociedade alemã contém vários exemplos dessa interligação. Um deles:

a fragilidade estrutural do Estado alemão, a qual tentava constantemente as tropas estrangeiras de países vizinhos a invadir seu

⁴ Estado concebido como surgimento do “monopólio da autoridade central e o aparelho especializado para administração” de domínios tenitoriais e populacionais” (ELIAS, 1993, p. 98).

território, produziu uma reação entre os alemães que levou a conduta militar e as ações bélicas a serem altamente respeitadas e, com frequência, idealizadas (ELIAS, 1997, p. 20).

A tese do autor (apud CHARTIER, 1990, p. 109-110) é a seguinte:

à medida que o tecido social se vai diferenciando, o mecanismo sociogenético do autocontrole psíquico evolui igualmente no sentido de uma diferenciação, uma universalidade e uma estabilidade maiores [...]. A estabilidade particular dos mecanismos de autocondicionamento psíquico que constitui o traço típico do habitus do homem 'civilizado' está estreitamente ligada à monopolização do condicionamento físico e a solidez crescente dos órgãos sociais centrais.

Assim, verifica-se que o estudo de uma dada configuração social (pequeno ou grande grupo, uma região, uma nação), parte do particular - a maneira de convivência entre as pessoas - para o geral - as redes de interdependências e vice-versa, do geral - a formação do Estado - para o particular - o habitus que é individual e nacional.

Esse procedimento em que duas dimensões da realidade, tradicionalmente separadas, são envolvidas simultaneamente como face e contraface de um mesmo processo é uma preocupação central na obra de Elias. Manifesta-a em "A Sociedade dos Indivíduos", (1994, p. 8):

De conformidade com a transformação da sociedade, são também reconstruídas as relações interpessoais, a constituição afetiva do indivíduo: à medida que aumentam a série de ações e o número de pessoas de quem dependem o indivíduo seus atos, toma-se mais firme o hábito de prever conseqüências em longo prazo. E na mesma proporção em que mudam o comportamento e a estrutura da personalidade do indivíduo, muda também sua maneira de encarar os demais (ELIAS, 1993, p. 227).

Este procedimento de diluição de fronteiras entre o particular e o geral e até mesmo entre disciplinas, possibilita pensar as confi-

gurações sociais como "um todo relacional". Este "todo" é constituído, segundo Waizbort (1999, p. 92) pelo

conjunto das relações que se estabelecem, a cada momento, entre o conjunto dos elementos que o compõem. Tais relações são sempre relações em processo, isto é: elas se fazem e desfazem, se constroem, se destroem, se reconstróem, são e deixam de ser, podem se refazer ou não, se rearticular ou não. As relações se atualizam, ou se esgarçam, ou se fortificam, ou se mantêm, ou se enfraquecem. Mas, como quer que seja, há a cada instante algo vivo, em processo.

Desse modo, a idéia de causalidade ou de determinismo, recorrentes quando se estabelece relação entre micro e macro realidades, desaparecem para dar lugar à idéia de "correspondência", segundo Waizbort (1999, p.103) ou, como quer Miceli (1999, p.118), "para o âmbito da análise" dos diferentes objetos em disputa e dos sentidos envolvidos nos confrontos.

A dinâmica dessas inter-relações e interdependências que Elias coloca em sua análise se dá através de uma investigação psicogenética e sociogenética. Na primeira, o objetivo é

apreender todo o campo das energias psicológicas individuais, a estrutura e a forma tanto das funções mais elementares quanto as mais orientadoras da conduta do indivíduo.

Na segunda, estuda-se a

estrutura total, não só de um único Estado-sociedade mas do campo social formado por um grupo específico de sociedades interdependentes, e da ordem seqüencial de sua evolução (ELIAS, 1993, p. 238-239).

Para a implementação destas perspectivas de investigação, recomenda Elias (1993, p. 239), é preciso:

- corrigir hábitos tradicionais de pensamento, ou seja, romper com idéias enraizadas,

por exemplo, a idéia de causa, de determinação, da separação entre indivíduo e sociedade;

- estudar as estruturas e processos mentais e sociais em relação com os “diferentes estratos funcionais que convivem juntos no campo social...” para acompanhar as correspondências entre as várias estruturas;
- “levar em conta não só as funções ‘inconscientes’ e ‘conscientes’, mas a contínua circulação de impulsos entre uma e outras”;
- “levar em conta desde o princípio toda a configuração do campo social, que é mais ou menos diferenciado e carregado de tensões”. O que é possível por que o tecido social e suas mudanças históricas têm um claro padrão e estrutura;
- “investigar a totalidade do campo social o que [...] implica [...] descobrir as estruturas básicas, que dão a todos os processos individuais agindo nesse campo sua direção e marca específica. Envolve perguntar em que direção os eixos de tensão, as cadeias de funções e instituições da sociedade no século XV diferem daquelas dos séculos XVI ou XVII, e por que as primeiras mudaram na direção das últimas”;
- “interessar-se pelos problemas que facilitem a penetração nas regularidades subjacentes, através das quais as pessoas em certas sociedades são obrigadas a reproduzir uma vez após outra determinados padrões de conduta e cadeias funcionais específicas”;
- voltar-se para a estrutura do campo social “na inteireza de suas interdependências”.

Já é possível entrever nas indicações acima, que uma investigação, nestes moldes, mobiliza fontes de pesquisa variadas:

- a historiografia, para possibilitar que os fatos particulares, coletados e descritos, sejam integrados na recomposição do todo;
- correspondências, romances, poemas, canções, códigos de ‘boas maneiras’ ou “guias de comportamento”, tratados so-

bre costumes, registros de toda natureza sobre comportamento, episódios e práticas de todos os tipos são significativos para recompor o mosaico da totalidade social que as interligações e interdependências entre os homens estabelecem sem jamais terem planejado, ou mesmo desejado o que possibilita identificar os mecanismos de formação e os princípios de estruturação de uma dada configuração social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho indicado por Elias para o estudo de uma configuração social, qualquer que seja o grau de complexidade, permite reconstruir os infindáveis fios de entrelaçamento, reciprocidade e interdependências que compõem esse todo em sua singularidade. Permite, também, demarcar, em seu interior, as condutas, impulsos e sentimentos engendrados por uma dada configuração social.

Os passos a serem dados, nesta caminhada, supõem novos esquemas mentais e conceituais para penetrar nas regularidades e imanências; para apreender as interconexões que são estabelecidas entre as diferentes funções e esferas da vida social; e, em especial, para articular as tradicionais fronteiras do pensamento sociológico em torno da inteireza das interdependências da totalidade social.

As conseqüências desta nova conduta revelam-se na incorporação de toda sorte de informações, fontes e registros para a reconstrução metódica, conforme saberes produzidos por qualquer disciplina, do cenário complexo da vida humana. A compreensão é de que se o homem constantemente se constrói nada do que é humano pode ser estranho a quem pratica o estudo do homem (RIBEIRO, 1993, p. 10).

Por tudo isto, empreender uma investigação em conformidade com os pressupostos teóricos e metodológicos aqui examinados apresenta-se como um duplo desafio: reestruturar os esquemas de pensamento e romper os preconceitos sobre os materiais ‘significativos’ a serem coligidos numa investigação.

- BRANDÃO, Zaia. Para além das ortodoxias: a dialética micro/macro na sociologia da educação. In: 23ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, MG, 24 a 28 de setembro de 2000. Trabalhos encomendados. Disponível em <http://www.anped.org.br/23/textos/te14.PDF>. Acesso em dez. 2004.
- CHARTIER, Roger. Formação social e "habitus": uma leitura de Norbert Elias. In: A História Cultural: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990. (Col. Memória e Sociedade).
- CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. História da Sociologia. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ensaio, 1994. - (Cadernos Ensaio Pequeno Formato; 10).
- DUNNING, Eric; MENNELL, Stephen. Prefácio à edição inglesa. In: ELIAS, Norbert. Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. O Processo Civilizador. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.
- _____. O Processo Civilizador. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.
- _____. Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LEVINE, Donald N. Visões da Tradição Sociológica. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MICELI, Sérgio. Norbert Elias e a questão da determinação. In: WAIZBORT, Leopoldo (Org.). Dossiê Norbert Elias. São Paulo: EDUSP, 1999.
- NEIBURG, Frederico. O naciocentrismo das ciências sociais e as formas de conceituar a violência política e os processos de politização da vida social. In: WAIZBORT, Leopoldo (Org.). Dossiê Norbert Elias. São Paulo: EDUSP, 1999.
- PANOFSKY, Erwin. Arquitetura Gótica e Escolástica - sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média. Trad. Wolf Hörnke. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- PONTES, Heloísa. Elias, renovador da ciência social. In: WAIZBORT, Leopoldo (Org.). Dossiê Norbert Elias. São Paulo: EDUSP, 1999.
- RIBEIRO, Renato Janine. Uma ética do sentido (apresentação à edição brasileira). In: ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.
- SOUZA, Jessé. Elias, Weber e a singularidade cultural brasileira. In: WAIZBORT, Leopoldo (Org.). Dossiê Norbert Elias. São Paulo: EDUSP, 1999.
- WAIZBORT, Leopoldo. Elias e Simmel. In: WAIZBORT, Leopoldo (Org.). Dossiê Norbert Elias. São Paulo: EDUSP, 1999.